

O FOLHETIM

PUBLICAÇÃO DIARIA DE ROMANCES

DIRIGIDA POR VISCONTI COARACY E SANTOS CARDOSO

ASSIGNA-SE
na
Rua do Hospício 85

Preço da assignatura por mez

Para a Côrte 1\$000
Para as Províncias... 1\$500

AS ASSIGNATURAS
começam
no 1.º de cada mez

A BASTARDA

PRIMEIRA PARTE

A AMANTE DO AMO

VI

OS TUMULOS

— Então!... exclamou o conde com um laivo de impaciencia; que queres tu dizer-me, Caillouet?...

— Quero dizer-lhe, Sr. conde, que só de si depende ficar tudo quanto acaba de passar-se aqui eternamente sepultado em trevas mais profundas e impenetraveis do que as da noite que nos cerca...

— Como assim? perguntou o Sr. de Vezay.

— Lembra-se, Sr. conde, dos relinchos de espanto que ouvimos ao chegar junto a esta porta?...

— Lembro-me, sim... murmurou o conde.

O couteiro continuou:

— Lembra-se de que me perguntou: — « Que ruido é este, Caillouet? »

— Lembro-me... repetiu o Sr. de Vezay.

— E que eu lhe respondi: — « São os cavallos do Sr. de Villedieu que se assustaram e vão fugindo?... »

— Lembro-me... murmurou o conde pela terceira vez.

O couteiro proseguiu:

— Momentos depois, um grito de agonia chegava-nos aos ouvidos, e eu lhe dizia: — « Sr. conde, acaba de acontecer uma desgraça... o Loire é escarpado... a noite está escura... os cavallos se espantaram!... Nenhum dos entes vivos que sahiram esta noite do castello de Villedieu voltará ao amanhecer... »

— Oh! exclamou o Sr. de Vezay; lembro-me de tudo!...

— Pois bem, vai comprehender-me... Quando amanhecer, encontrarão nas margens do Loire os cadáveres mutilados de um homem e de dous cavallos...

reconhecerão a libré do Sr. de Villedieu... acreditarão que o amo haja perecido como o laçao... não suspeitarão de um duello... e hão de suppôr uma desgraça... Que acha, Sr. conde?

— Esqueces, Caillouet, que encontrarão apenas um corpo...

— Dirão que as profundezas do Loire guardaram o outro cadaver...

— Mas este? balbuciou o conde, designando o despojo inanimado do Sr. de Villedieu.

— Este? respondeu o couteiro; este terá desaparecido.

— Desapparecido?...

— Sim... E para sempre.

— Como?

— Eu me encarrego disso.

— Que queres então fazer, Caillouet?

— Quero, com o seu auxilio, transportar este corpo para um dos subterraneos do castello onde se acham as sepulturas de seus antepassados; e onde nunca vai ninguem.

« Quero levantar a pedra de um dos tumulos...

« Sob essa pedra, emfim, quero sepultar este cadaver... Quem irá procural-o alli?

— Sacrilegio!... exclamou o Sr. de Vezay, recusando com uma especie de horror.

Caillouet encolheu bem desrespeitosamente os hombros.

— Prefere, perguntou elle, proclamar á luz do dia a deshonor de sua mulher, sua vergonha e sua vingança?... faça o que entender, Sr. conde! no fim de contas, isso é lá comsigo e não me diz respeito...

Seguiu-se uma pausa.

Depois o Sr. de Vezay respondeu lentamente:

— Tens razão... reconhece-o...

— Então, façamos isso já.

— Mas, continuou o conde, a tua proposta me causa medo...

— Porque?

— Pois cabe ao assassino sepultar deste modo a sua victima?

— Sr. conde, não ha aqui nem assassino, nem victima... ha dous adversarios, um dos quaes succumbiu em um combate leal.

O conde meneou de novo a cabeça.

Estava pallido e parecia tremer.

Caillouet proseguio com energia:

— O Sr. conde está hoje fraco como uma criança!...

pois compete-me a mim — seu servidor, seu famulo — dar-lhe a energia que lhe falta!... a minha proposta salva a honra de seu nome...

— E' exacto.

— Está de accôrdo?

— Como negal-o?

— Aceita-a?...

O Sr. de Vezay hesitava ainda.

— Aceita-a? repetiu Caillouet.

— Aceito! respondeu o conde com desesperado esforço; aceito, sim!

— Então, mãos á obra!... o tempo urge... daqui a pouco será dia! não percamos um minuto!...

E Caillouet aproximou-se do cadaver.

Apanhou o casaco que jazia no chão, molhado pela chuva.

De uma das algibeiras desse casaco tirou uma carteira de marroquim preto, cujo fecho era de segredo.

— Creio, disse elle, que o Sr. conde prometeu mandar entregar isto ao filho do Sr. de Villedieu..?

— Sim, respondeu o conde, prometti, — e não só prometti como jurei...

Caillouet estendeu a mão.

— Aqui tem a carteira, disse.

O Sr. de Vezay repelliu a mão do couteiro.

— Não quer receber? perguntou este ultimo.

— Não.

— Que devo então fazer disto?

— Guarda-a, e encarrega-te da restituição.

— Seja.

— Mas como te haverás para restituil-a?... se entregares essa carteira, aquelle a quem fizeres a entrega quererá saber por que maneira se acha ella em teu poder...

— Oh! esteja descansado!...

— Tens então algum plano?

— Tenho. Favorecido pela desordem que se ha de seguir á primeira noticia da morte do Sr. de Villedieu, introduzir-me-hei no castello, penetrarei no aposento do defunto visconde e collocarei a carteira bem em evidencia, em cima de um dos moveis... Approva, Sr. conde?

— Inteiramente.

— Bem!

E a carteira desapareceu em uma das algibeiras do couteiro.

Feito isto, Caillouet pegou de novo no casaco e estendeu-o sobre o corpo do visconde.

Depois entrou no matto, cortou dous ramos fortes de uma arvore.

Com esses ramos e com a sua carabina improvisou uma especie de padiola, sobre a qual collocou o corpo.

— Sr. conde, disse voltando-se para o amo, ajude-me, se faz favor.

O Sr. de Vezay estava aniquilado.

Frio suor lhe gottejava da fronte.

O seu corpo tremia todo.

Entretanto ajudou machinalmente Caillouet a levantar a funebre padiola.

E ambos, carregados com o lugubre fardo, encaminharam-se a passo lento para o castello.

Não tardou que chegassem á extremidade de uma das alas da immensa e sombria habitação.

Alli, pararam.

— Espere-me um momento, Sr. conde, disse o couteiro.

O Sr. de Vezay não respondeu, e ficou immovel e como que petrificado.

Caillouet desapareceu nas trevas.

Ao cabo de alguns momentos voltou.

Trazia duas cousas.

Uma lanterna furta-fogo e um mólho de chaves.

O Sr. de Vezay passára o tempo que durára a curta ausencia do couteiro a repetir mentalmente, com indizível angustia:

— Ah! quanto é amarga a vingança!...

Caillouet abriu um pouco a sua lanterna, fazendo jorrar um raio luminoso.

Depois, com uma das chaves do mólho que trouxera, abriu uma porta baixa que ficava occulta em uma reentrancia da parede.

Essa porta dava entrada para os subterraneos funerarios do castello de Vezay.

Feito isto, Caillouet pegou de novo em uma das extremidades da padiola.

E disse então:

— Desçamos.

O conde obedeceu passivamente.

Transpuzeram ambos um corredor subterraneo, do comprimento de vinte e cinco passos, pouco mais ou menos.

No fim desse corredor havia uma segunda porta.

Caillouet abriu-a como tinha aberto a primeira.

Depois, amo e criado penetraram em uma espacosa sala abobadada, sustentada por pesados pilares de granito.

Era a sala dos tumulos.

Em redor viam-se sumptuosos monumentos de marmore e cantaria.

Esses monumentos continham os despojos mortaes dos antepassados do Sr. de Vezay.

Dormiam todos alli o somno abençoado, desde *Reginaldo o Forte*, o primeiro da raça, até Paulo Amadeu de Vezay, o pai do conde actual.

Varios delles tinham alvas estatuas deitadas, na attitude de tranquillo somno, sobre as lages sepulchraes.

Aquellas estatuas figuravam valentes cavalleiros e nobres damas, que apoiavam seus pés de marmore no escudo hereditario.

Outras representavam anjos ajoelhados, erguendo para o céu os olhos supplices e as mãos postas, e rezando pelo repouso daquelles fidalgos mortos, cuja vida sem macula tinham protegido com as suas celestes azas.

Alguns tumulos tinham apenas uma pedra de marmore branca ou preta.

Sobre esse marmore, letras profundas ou salientes diziam um nome e uma data.

Penetrando naquella sala, onde reviviam para elle

os seculos idos e a familia desaparecida, o Sr. de Vezay, máo grado seu, curvou a fronte.

— O' meus antepassados, pensou elle, saia um de vós do seu sudario e venha a mim, da parte de Deus, dizer-me se sou innocente ou culpado pelo sangue que derramei esta noite!...

E esperou, como se as immutaveis leis da morte pudessem, por um momento, interverter-se á sua voz.

Vã expectativa!...

Nenhuma voz do tumulto respondeu ao seu apello!...

Entretanto, Caillouet tinha estendido nas lages o corpo do Sr. de Villedieu.

Em seguida pôz a lanterna no sóco de um tumulo, e, com a sua faca, pôz-se a dissoldar o marmore da sepultura vizinha.

Emquanto o couteiro se entregava a esse trabalho, os olhares do Sr. de Vezay fitaram-se, máo grado seu, no cadaver que jazia a seus pés.

O bello semblante do visconde parecia mais bello ainda e mais expressivo na morte do que na vida.

Estava pallido aquelle rosto,—dessa pallidez peculiar ao rosto dos que succumbiram depois de haver perdido muito sangue.

Tinha os olhos cerrados.

Um circulo azulado e livido cingia-lhe as palpebras.

Quizesse o Sr. de Vezay afastar daquelle corpo e daquelle semblante o seu olhar, não o poderia fazer.

Verdadeira fascinação, seguida de irreflectido e supersticioso terror, forçava-o a contemplar aquelle rosto inanimado.

Parecia-lhe que as palpebras do visconde iam abrir-se de subito...

Parecia-lhe que os olhos do morto, annuviados, sem vista, iam volver-se para elle...

Que aquelles labios unidos se agitariam para arremecarem-lhe esta palavra:

— Assassino!...

Felizmente esse estranho supplicio foi de curta duração.

— Está tudo prompto! disse Caillouet.

E a voz do couteiro quebrou de subito a fascinação.

O Sr. de Vezay estremeceu e voltou-se.

— Está tudo prompto? repetiu elle machinalmente.

— Tudo, Sr. conde.

Caillouet tinha, com effeito, concluido o seu trabalho.

Depois de haver dissoldado com a faca, conforme dissemos, o cimento secular, servira-se do cano da carabina como de uma alavanca para levantar a pedra funeraria.

Conseguiu-o.

O tumulto se abria, escancarado, pondo a descoberto o caixão de chumbo que encerrava.

Ao lado desse caixão via-se um largo espaço vasio, destinado talvez a receber outr'ora o cadaver de um marido ou de um irmão.

— Aqui ha lugar para dous! murmurou Caillouet em voz baixa.

E accrescentou, alteando a voz:

— Sr. conde, ajude-me, faça favor...

E, assim fallando, pegou no cadaver pelos pés e levantou-o.

O Sr. de Vezay conservava-se immovel.

— Ajude-me, Sr. conde! repetiu Caillouet em voz quasi imperiosa.

— Que queres que eu faça?... perguntou o Sr. de Vezay, que aquella situação prolongada aniquilava.

— Pegue neste corpo pelos hombros, e faça como eu...

O conde obedeceu.

Um minuto depois, o visconde de Villedieu jazia estendido naquella sepultura, que aliás não tinha sido preparada para elle.

— Bom! disse Caillouet.

E accrescentou:

— Agora, trata-se unicamente de tornar a pôr esta pedra no seu lugar, e estará tudo acabado... Mãos á obra, portanto!

O Sr. de Vezay interrogou o couteiro com o olhar.

Caillouet comprehendeu aquella muda interrogação e respondeu.

— Sustente a pedra com os hombros, disse elle, e vá-se abaixando vagarosamente... A pedra é pesada, e, se a deixarmos cahir de cima, quebrar-se-ha em mil pedaços.

Em vez, porém, de executar a manobra indicada pelo couteiro, o Sr. de Vezay, espesso e se moveu...

A sua boca entreabriu-se...

Os olhos augmentaram-se-lhe desvairados...

Os cabellos pareceram levantar-se-lhe na cabeça e o seu semblante tornou-se livido.

— Que tem, Sr. conde? Que é isto?... exclamou Caillouet que viu o amo vacillar, e que seguiu com a vista a direcção dos seus olhares cheios de terror.

O couteiro, porém, não repetiu a pergunta.

E cahiu de joelhos, soltando um grito surdo.

.....

No meio das trevas opacas que se amontoavam nas extremidades da sala funeraria, via-se mover-se uma sombra, um vulto alvaco, um phantasma de vapores contornos.

Esse phantasma parecia dirigir-se lentamente para o lado dos dous homens.

A medida que elle avançava, o conde recuava um passo, e Caillouet, ajoelhado nas lages, prostrava-se cada vez mais, roçando a face no chão.

VII

O QUARTO DE MARGARIDA

Afinal o phantasma sahiu da penumbra e penetrou no circulo luminoso formado pelos raios que se escapavam da lanterna furta-fogo.

O Sr. de Vezay tinha seguido com olhar assustado cada um dos movimentos daquella phantastica apparição.

De repente o seu rosto mudou de expressão.

Na sua physionomia alterada pôde-se ler redobrado pasmo, mas o susto havia desaparecido.

Levou elle a mão á fronte, como para certificar-se de que estava bem acordado e de que não era ludibrio de um estranho e terrível sonho.

Ao mesmo tempo seus labios se moveram, e, com voz rouca e semelhante á dos somnambulos durante o somno magnetico, murmurou por duas vezes:

— Margarida!... Margarida!...

A estas palavras, Caillouet ergueu a cabeça:

— A Sra. condessa!... exclamou elle.

E arrastou-se, como uma serpente, para traz do tumulo ao lado do qual estava ajoelhado.

Sem duvida, queria ficar testemunha invisivel da estranha scena que previa.

Aquella a quem os dous homens tinham a principio tomado por um phantasma, — aquella a quem o conde chamára *Margarida* e a quem Caillouet chamava a *Sra. condessa*, — era, com effeito, Margarida, condessa de Vezay.

Envolta em amplo e comprido roupão, cuja alvura a sua livida pallidez excedia, — com os cabellos soltos em desalinho a fluctuarem-lhe em desordem por sobre os hombros, e a cahirem-lhe a um e outro lado das faces em espessas madeixas, — a moça continuava a avançar.

Dir-se-hia uma defunta, envolta na sua mortalha e caminhando.

Parecia não vêr o marido, — parecia não tel-o ouvido.

Os seus movimentos vagarosos, regulares, automaticos até certo ponto, aproximavam-n'a incessantemente daquelle tumulo aberto, para o qual a impellia irresistivel attracção.

Entre ella e o tumulo estava o conde.

Cumpria ou que o Sr. de Vezay se arredasse do logar em que se achava, ou que a condessa se desviasse do seu caminho.

Foi o marido quem, fascinado, deixou a passagem livre.

Margarida chegou ao tumulo.

Apoiou ambas as mãos ao marmore do sarcophago, e, debruçando-se para a frente, olhou...

Ao lado do caixão de chumbo jazia estendido um corpo humano, cujo rosto ensanguentado cousa nenhuma occultava.

A Sra. de Vezay reconheceu aquelle corpo e aquelle rosto.

Ergueu-se immediatamente, levando a mão direita ao coração e atirando a cabeça para traz.

Soltou um grito lancinante que os echos do subterraneo repetiram de um modo lugubre.

Rodou duas vezes sobre si mesma, e cahiu inanimada ao pé do tumulo.

— Que desgraça!... balbuciou com desespero o Sr. de Vezay; que desgraça!... está morta!... Oh! meu Deus! pois não bastava uma victima!...

E, possuido de verdadeiro accesso de delirio,

consequencia natural dos terriveis acontecimentos que, em tão curto espaço de tempo, acabavam de succeder-se sem tregua, abaixou-se, tomou nos braços sua esposa, e fugiu atravez dos subterraneos, levando Margarida como se leva uma presa cobigada ou uma victima que se deseja arrebatár á morte.

O conde tinha apenas desaparecido, quando Caillouet, por sua vez, sahiu do inutil retiro que havia escolhido.

— Caminha tudo perfeitamente!... murmurou elle com expressão de feroz jubilo; caminha tudo perfeitamente, e Deus é justo, pois Deus me vingará!...

Tomou outra vez a carabina e a lanterna.

Não se deu ao trabalho de collocar de novo a pedra na sepultura, e encaminhou-se para a porta do corredor por onde o Sr. de Vezay e elle tinham penetrado nos subterraneos funerarios.

Tendo sahido, fechou com todo o cuidado aquella porta.

O mesmo fez á outra que deitava para o parque.

Tirou do mólho as chaves dessas duas portas, e guardou-as na algibeira da sua jaqueta.

Depois, alcançou a escada que conduzia á bibliotheca, e subiu.

Queria vêr o que se estava passando no interior do castello, e pôr-se á disposição do Sr. de Vezay para o caso de carecer este dos seus serviços.

(Continúa no proximo numero.)

EXPEDIENTE

Temos recebido uma ou outra reclamação por havermos encetado a publicação de um romance antes de concluido outro, o que, no entender dos reclamantes, difficulta a encadernação.

Os jornaes francezes e inglezes deste genero, cujo systema seguimos, não publicam um romance antes de concluir outro, publicam tres e quatro ao mesmo tempo. (Vejam-se *Le Conteur*, *La Semaine*, *Bons Romans*, *Journal pour Tous*, *Family Herald*, *London Journal*, *Family Reader*, e tantos outros.)

A encadernação de taes jornaes não se faz a cada romance que se publica, e sim por trimestres ou semestres, como a de outros quaesquer jornaes, onde tambem os romances que publicam ficam partidos, e divididos ás vezes em mais de um volume.

Agradecendo aos Illms. Srs. assignantes que têm satisfeito as importancias de suas assignaturas, rogamos áquelles que ainda o não fizeram o obsequio de as mandar entregar ao escriptorio do *Folhetim*, rua do Hospicio n. 85.

Em tempo tambem avisamos ás pessoas que quiserem continnar a receber no proximo mez o *Folhetim* que a remessa da folha será suspensa, desde que a assignatura não seja reformada com precedencia.

OS EDITORES.